

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



ENTRE A PARTILHA E A AUTORIA – SABERES E FAZERES FEMINISTAS A PARTIR DA RODA DE LEITURA COM MULHERES EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Between sharing and authorship - knowledge and practices feminist from the reading groups with women

Douglas Rosa da Silva

Ana Claudia Ferreira Godinho

Resumo

O presente trabalho aborda a educação de mulheres em contexto de privação de liberdade. As reflexões tiveram origem na pesquisa-ação realizada com mulheres jovens e adultas em espaço prisional no Estado do Rio Grande do Sul. Na investigação, a seleção do material de análise dá ênfase à dimensão da religiosidade presente no cotidiano das mulheres, a partir do escopo poético de Adélia Prado. Sob este aporte, há a possibilidade de discutir a escrita das mulheres como um desafio de reinvenção da identidade aliado a uma perspectiva de ruptura dos modos de ler e narrar a vida das jovens e adultas. Entre a partilha das experiências e a promoção da autoria, o estudo sobreleva o elo exequível entre a EJA e a produção de saberes e fazeres feministas.

Palavras-chave: Fronteiras Simbólicas e Identitárias. Estudos Feministas. EJA.

Abstract

This study presents an experience report about the reading groups with women. The article focuses on the selection of reading material for reading groups. The research discusses the reinvention of women's identity through writing and reading. Based on the idea of sharing and authorship, the report highlights how women can create new feminist knowledges and actions.

Keywords: Symbolic and Identity Borders. Feminist Studies. EJA.

Considerações Iniciais

Esse texto emerge como um relato de experiência que focaliza a seleção de material para as rodas de leitura com mulheres em contexto de privação de liberdade. O presente trabalho assume-se como um fragmento de um projeto maior de pesquisa. Dessa forma, não são abrangidos outros aspectos importantes que integram o contexto e o funcionamento da pesquisa-centro que norteia essa ação. O relato se assenta e se desenvolve em uma descrição pontual que objetiva evidenciar as formas com que a literatura de autoria de mulheres opera nos ambientes em que ela circula – sobretudo, nos contextos educacionais situados em espaços de privação de liberdade.

As rodas de leitura que originam e sustentam esse relato acontecem em um espaço prisional, situado na região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Integram a oficina mulheres jovens e adultas com diferentes histórias, bagagens e visões de mundo. As rodas de leitura são caracterizadas como um espaço em que a reflexão, a leitura e a escrita andam atreladas, trabalhando juntas. Sequencialmente, o momento de leitura vem acompanhado de uma proposta de atividade que é tida como um significativo instante em que saberes e fazeres feministas são produzidos – mesmo que, por vezes, de forma muito sutil. Com o propósito de fazer com que as mulheres encontrem outras mulheres e outros saberes por via da leitura e da exploração dos textos, as rodas de leitura também oferecem as participantes um pensamento reflexivo acerca da força e das identidades das mulheres nos segmentos social e cultural.

Considerando o caráter de uma pesquisa-ação, a seleção do material requer uma postura em que a presença da sensibilidade e do dinamismo esteja presente. Sensibilidade, pois se trata de uma ação coletiva pensada para a(o) outra(o), enquanto gesto de alteridade. Dinamismo, porque exige que o olhar transite por todas as vivências que estão presentes nessa pesquisa-ação, caracterizando o gesto de outridade. Entre a alteridade e a outridade, a seleção de um material pode ou não ser eficaz. Entre a escuta e a voz, a interação pode ou não ser profícua. Mas reconhece-se que no âmbito do sensível e do dinâmico estão os primeiros passos para concretizar uma relação *humana* dentro da pesquisa-ação. E essa humanidade precisa pautar, de igual modo, a tarefa de seleção do material utilizado nas etapas de realização da pesquisa.

Portanto, ao considerarmos a produção poética de Adélia Prado como objeto singular dentro desse movimento de partilha, estamos fazendo instantaneamente uma escolha que se ancora em uma visão sensível e dinâmica. Essa opção também possibilita movimentar e concretizar a ideia de que várias autorias podem ser feitas a partir de uma. Os universos abertos pelos textos poéticos de Adélia Prado dialogam e tocam os universos das mulheres que adentram pelos versos da autora. Por conseguinte, nessa ação culmina a partilha e a autoria enquanto deslocamento que incita à (re)invenção de narrativas (em especial, a narrativa das mulheres que se envolvem e que são envolvidas na roda de leitura).

A partilha e a autoria enquanto construção

Sabe-se que, historicamente, os saberes produzidos e proferidos pelas mulheres sempre ficaram resignados a um papel menor, sobretudo mudo, silenciado. Esse emudecimento imposto às perspectivas das mulheres configurou um cenário em que apenas um prisma assumia a articulação e a geração dos conhecimentos. Do homem, esperava-se não apenas a liderança, mas também eram herdadas as visões enrijecidas acerca do mundo. Os saberes, da forma como eram concebidos, correspondiam apenas às construções oriundas do olhar masculino.

Uma roda de leitura apenas por mulheres que usam textos de autoras mulheres desafia a noção de uma via imperante da construção de narrativa social e pessoal. Partilhar é fraturar um poder impositivo, não apenas trabalhando contra ele, mas alargando outra zona de poder cuja potência está nas histórias e pontos de vista que não foram e não são contemplados no eixo de dominação. Não se trata de competir, mas de destituir e criar saberes e formas outras, mais humanas e inclusivas. Com ideais e princípios que, na maioria das vezes, são legados do meio social e cultural, as mulheres encontram na roda de partilha modos de questionar e de refletir sobre as estruturas sociais e sobre suas próprias histórias. Portanto, garante-se nessa reflexão uma construção que é gerenciada, ao mesmo tempo, pela partilha das mulheres e pela autoria que elas assumem ao narrarem seus processos.

Mas de que modo a partilha e a autoria trabalham mutuamente nessa (re)construção das narrativas? Entende-se como partilha a noção que coloca as narrativas das mulheres em intersecção. Partilhar é deixar-se levar pela voz da outra, reconhecendo-se nela e acolhendo-a no seio da escuta. A autoria é expor os anseios e os reflexos na própria

voz, se permitindo criar e recriar o próprio enredo. Para partilhar, é requerido um lugar de autoria. Para a autoria é necessário um espaço de partilha. Portanto, esses dois fluxos apresentam-se fulcrais e complementares nas ações promovidas e desenvolvidas na e pela roda de leitura.

Mas o gesto da partilha e da escuta não apenas desafia parâmetros. A fim de suprimir as fronteiras simbólicas que abnegam o lugar e a voz da mulher, construir uma dimensão de autoria torna-se relevante também em uma dimensão histórica. Criar uma rede de forças entre as mulheres e evocar as suas histórias por meio das rodas de leitura apresenta-se expressivo

[...] porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas [...] Sua fala em público é indecente¹.

Indecente foi também, por muito tempo, a posição ocupada pelas mulheres no meio literário. Por tempo demasiado, as mulheres precisaram usar pseudônimos masculinos para engendrar suas obras e vê-las aceitas nos segmentos intelectuais e filosóficos. O rótulo “literatura de mulher” até hoje é utilizado em uma série de espaços com uma conotação negativa, de inferioridade, como se a literatura produzida pelas mulheres ficasse muito distante, em termos de qualidade, das produções literárias dos homens. Essa inverdade que ainda propaga em ambientes mais conservadores obriga-nos a fazer uma reflexão que considera a literatura um campo de força capaz de promover rupturas nas hierarquizações do pensamento. Quando escrita e gerada por mulheres, uma vertente de força está reunida na materialização da obra literária – ameaçando, por conseguinte, uma linguagem e pensamento tidos como “universais” e “normativos”.

Mas a literatura traz consigo outro fator extremamente ameaçador. Literatura – reconhecível como tal – implica linguagem individual. E linguagem individual é transgressão, ruptura das normas, questionamento do já estabelecido: Se nos homens a transgressão é estimulada e louvada pela sociedade – o herói é sempre, de uma maneira ou de outra, um transgressor – nas mulheres ela é execrada. A heroína não é aquela que transgride, mas aquela que dentro da norma se supera, enaltecendo a norma. No reconhecimento de uma literatura feminina, viria embutido o reconhecimento de uma linguagem individual. E esse reconhecimento levaria, não apenas à legitimação de transgressão por parte das mulheres, como à

¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 17.

afirmação inequívoca de que transgredir faz parte da sua natureza e não diminui em nada a feminilidade².

No aporte histórico oferecido por Michelle Perrot, a escrita também ganha relevância, tendo em vista que, na história das mulheres “escrever foi difícil. Pintar, esculpir, compor música, criar arte foi ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo.”³ As rodas de leitura exercitam a potência da escrita em duas importantes ocasiões: na primeira ocasião, quando as mulheres partilham textos de autoria de escritoras mulheres, trata-se de uma *reconhecimento* e *exploração* do escrito-criação da outra. Na segunda ocasião, quando é proposto que as mulheres exercitem a própria escrita, estimula-se um escrito-criação dialógico e singular com as cenas e vivências exploradas na roda. Novamente, volta-se para a tese de que a relação entre partilha e autoria é recíproca. Ambas constroem mundos, mundos esses que são ofertados pela reflexão mediada pelo escrito literário e escuta da narrativa da outra. Sendo assim, partilhar é construir. E construir, de todo modo, é assumir-se autora de sua criação.

Dimensão da religiosidade e escopo poético

Um dos potenciais livros selecionados para as rodas de leitura com as mulheres é *Bagagem*, de Adélia Prado. Nos parágrafos que seguem, elencamos nesse relato qual é a importância desse livro no contexto da pesquisa. Com diversas formações e atuações, Adélia Prado encontrou na escrita literária (em especial na poesia) seu principal meio de projeção no campo literário brasileiro. O livro *Bagagem*, que inicia a bem sucedida trajetória da poeta, traz uma dimensão religiosa para o debate, fazendo com se trace um breve diálogo entre religiosidade e escopo poético. De linguagem fácil e acessível, o livro se mostra importante por trazer cenas do cotidiano que interagem com aquilo que é vivido pelas mulheres. Além disso, a escolha do livro se manifesta sábia e estratégica tendo em vista que as mulheres, em seus exercícios de escrita e de leitura, se mostravam muito atreladas, em termos de leitura, aos textos religiosos (sejam eles a Bíblia, livros espíritos, entre outros...).

No livro, a bagagem de Adélia Prado pode parecer, num primeiro instante, uma leitura fluida acerca do singelo na rotina, bem como dos valores da “tradição” e valores

² COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 41.

³ PERROT, 2008, p. 101.

religiosos que estão embutidos no dia a dia. Os lugares e espaços das mulheres são questionados a partir dos poemas. E sim, de certo modo, o universo de Adélia Prado – pelo menos, um deles, que é o universo retratado pela obra - zela pelo simples e pelo corriqueiro, mas não para exaltá-lo e torná-lo intacto: em *Bagagem*, as vistas do poético não são as vistas de quem, já cansado de executar as repetidas tarefas do cotidiano, não vê mais a beleza e as cores infiltradas nos dias que parecem permanentes. *Bagagem* abre a janela de casa: “Quando aberta eu grito da janela.”⁴ *Bagagem* repara na cor e forma daquilo que integra a casa: “Olhou para o teto, a telha parecia um quadrado de doce.”⁵ *Bagagem*, também, é sobre amores comuns que levam pra casa: “Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo.”⁶

O vestido

No armário do meu quarto *escondo de tempo e traça meu vestido* estampado em fundo preto.
É de seda macia desenhada em campânulas vermelhas à ponta de longas hastes delicadas.
Eu o quis com paixão e o vesti como um rito, meu vestido de amante.
Ficou meu cheiro nele, meu sonho, meu corpo ido.
É só tocá-lo, volatiliza-se a memória guardada: eu estou no cinema e deixo que segurem minha mão.
*De tempo e traça meu vestido me guarda*⁷.

De qualidade e primor saltitantes, o habitual se transforma na obra de Adélia Prado, a julgar pela composição lírica que vivifica, resgata as sombras da memória e também conta com o amparo do desabafo. Em *Bagagem*, tudo soa familiar, próximo, como se a leitora compusesse dos sentimentos que são encaixados no palavreado poético. Contudo, mediante a leitura do livro, podemos nos perguntar: onde o eu poético dispensa sua bagagem? Onde nós, meros indivíduos, depositamos a bagagem após o trajeto longo? *Bagagem*, nessa leitura, pode ser interpretada como ensinamentos herdados e que passam de geração a geração sem resquício de questionamento. De modo geral, entre os costumes herdados de tempos em tempos, tais como algumas tradições (sejam religiosas ou não), fazem com que se busque a experiência de ver algo “a mais” no cotidiano. Diante disso, a obra da poeta Adélia Prado nos oferece versos que nos fazem pensar: qual o sentido do real?

⁴ PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1979, p. 100.

⁵ PRADO, 1979, p. 45.

⁶ PRADO, 1979, p. 103.

⁷ PRADO, 1979, p. 114. (Grifos dos autores)

Por isso, ao considerar o texto da poeta mineira como um material significativo para as rodas de leitura com mulheres, reconhece-se o vigor de uma poesia vinculada aos aspectos cotidianos, poesia essa que indaga o costume mais repetitivo e aparentemente banal. O real é ressignificado pela palavra poética. Reconhece-se, assim, que a poesia possibilita recuperar e refazer os sentidos. Por isso, sua importância figura como expressiva no trabalho de partilha e de autoria com as mulheres que constituem a roda.

Elos: saberes e fazeres feministas entre a educação & a literatura

A imagem da fronteira simbólica sendo suprimida nas rodas de leitura é o que marca o presente trabalho de pesquisa. No entanto, precisamos dar ênfase à ideia de partilha e autoria, que já está exposta no título desse trabalho. Esse destaque se deve ao entendimento de que a partilha da leitura tem um potencial para o desenvolvimento da autoria entre essas mulheres, potencial esse que é possível de explorar nos momentos de troca entre nós e elas. A partilha, em simultâneo, cria a ideia de que é no coletivo que as mulheres podem ser fortalecer como protagonistas e autoras de vozes e escritas femininas e feministas. Isso exposto, os elos que são dados entre os saberes e feministas, bem como a educação e a literatura se apresentam como elos do possível, como elos que ultrapassam as fronteiras simbólicas vividas por essas mulheres. São garantidas a elas, nesses momentos de mútuo aprendizado, chances reais de redesenharem a si, de redesenharem a própria poética implícita em suas identidades. O elo exequível entre a educação e a literatura abrem portas para que esses novos e humanos cenários sejam erigidos com propriedade na vida das mulheres.

Considerações Finais

Entre a partilha das experiências e a promoção da autoria, o estudo sobleva a produção de fazeres e saberes feministas que são dados a partir da troca, da autoria e das relações de voz e escuta entre as mulheres. As rodas de leitura não se colocam apenas como mais uma oficina ou atividade, posto que é com ela que são gerados os intercâmbios que fortalecem as relações entre as mulheres. Além disso, novamente resgatamos a ideia de autoria, no sentido de que o trabalho com a escrita e com a leitura de autoras mulheres (como o caso, nesse relato, das obras de Adélia Prado) fomenta uma revolução no sentido

de ver-se outra e ver-se com as outras. As rodas intentam criar mundos, um mundo em que as fronteiras que sufocam as liberdades individuais das mulheres não existam. Fazendo saberes, vamos para além. Para além das imposições e dos regulamentos, nos encontramos fortes, unidas e, sobretudo, livres.

Referências

COLASANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1979.